DISCURSOS

EDUARDO CAMPOS — O FICCIONISTA E O PESQUISADOR(*)

MOZART SORIANO ADERALDO

EXÓRDIO

Se alguém quizesse perquirir os motivos por que aqui me encontro, ocupando a mais elevada tribuna de nossa terra, haveria de achar, de par com as dificuldades decorrentes de tamanho despropósito, qual o do contraste entre o orador e a instituição que representa, as razões últimas da escôlha sôbre mim recaída — delicadezas de sentimento de quem desejou fôsse saudado moço por moço.

Outra razão não encontro, a não ser a afinidade intelectual que nos irmana, senhor dr. Manuel Eduardo Campos, para que aqui esteja a dar-vos boas-vindas em festa por demais acima de minhas possibilidades, identificação decorrente, sem dúvida, da idade que nos aproxima no tempo e nas idéias.

Tais motivos levaram-me a aceitar a incumbência, não obstante a enorme responsabilidade dela decorrente. Se é verdade que a maior prova de amizade é dar a vida pelo amigo — como o declara o autor inspirado —, que ao menos se aventure a reputação de homem de letras e não se falte à prova. Porque, em tempos de tanto egoismo, é bom que alguma coisa se arrisque — bens quem os tiver e reputação cultural quem a possuir, contanto que fique incólume a doce poesia da vida. E já que a primeira categoria de privilegiados nem sempre está disposta à disponibilidade da fortuna, que ao menos a última, composta precisamente de quantos valorizam as atividades intelectuais, a estas mesmas ponha em perigo para salvar seu próprio fundamento, que é a mensagem superior de crença no homem e na sua capacidade de superar as crises que há de enfrentar. Só não se arrisque o bom nome,

---

(*) *Discurso, em nome do Instituto do Ceará, de saudação a Manuel Eduardo Campos.* 16-11-56.

coroamento de tôda uma vida de sacrifício e limitações morais, tão mais dificultosas quanto vivemos em época de indisfarçado edonismo, cujos valores se deslocaram do eterno para o efêmero, do espiritual para o material, dos chamados "meios pobres" para aquilo que se passou a considerar riqueza e importância numa sociedade em franca decadência.

Geração sacrificada a nossa, nascida ou adolescida entre duas guerras, que de tão grandes êste qualificativo receberam, não poderia fugir ao dilema que os tempos lhe traçaram — ou entregar-se a um desfrutamento da vida, adotando um desmoralizado "existencialismo", ou reagir contra êle, maugrado as decepções que haveria de amargar. Reação que se poderia fazer, ora pela simples valorização da inteligência, através dos que afirmam sua crença no poder criador do homem, ora fazendo subir êsses abencerragens ao último degrau da elevação espiritual, emoldurando a cultura com a fé no destino sobrenatural da humanidade, assim engrandecida e assim perenizada.

Mas, como tôda reação, esta vence pela qualidade, quase sossobrando, todavia, no *mare magnus* da quantidade. Raros são os oásis em que a inteligência humana repousa neste deserto de homens cultos e responsáveis, muito embora lhes seja reservada função de doce refrigério no destino do mundo. Aqui, entre nós, ora sofrendo as calmarias dos ventos, representadas pela indiferença do meio, ora sentindo o enfurecimento das ondas, que são os ataques de quantos não lhe conseguem a convivência agradável, o Instituto do Ceará há mais de sessenta e nove anos navega, cumprindo uma rota que lhe traçaram os apóstolos da inteligência de nossa terra, que doze foram os construtores desta benemérita Arca no longínquo ano de 1887. Para que se tenha, embora vagamente, uma idéia do valor dêsses desbravadores, será suficiente divulgar-se que, nessa época um tanto recuada, a modestíssima capital de nossa Província possuia apenas 27.000 habitantes — 26.943, na própria expressão do censo então realizado. E se quantitativamente era assim tão atrasada a cidadezinha que cresceu em volta da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, o que não dizer do quase nenhum incentivo para as ciências e letras que poderiam influenciar seus poucos habitantes, se não dispunham de escolas superiores, que lhes formassem o espírito, congregando-se quantos escreviam e liam nesta terra em volta do velho Liceu do Ceará, hoje tão mudado por obra e graça da última reforma do ensino, que não lhe respeitou sequer o glorioso nome.

Quando, há cêrca de seis anos, era eu aqui introduzido pelas mãos carinhosas do bom mestre e grande amigo que foi e é José Waldo Ribeiro Ramos, se me ofereceu oportunidade de gisar, tanto quanto me ajudaram o engenho e a arte, o ambiente físico e social de nossa querida cidade naquele histórico período. Assim descrevendo-a, quis ressaltar o quanto de grandioso aquêles beneméritos fundadores construiram para o futuro, traçando rotas que, adaptadas a uma capital que já ultrapassou os 300.000 habitantes, ainda hoje nos guiam a portos seguros e abrigadores.

Mas era mister fazer, como o fariam êles, se vivos fôssem, a adaptação de nossos estatutos aos novos tempos, o que se vem concretizando pouco a pouco, elevado que foi o número de nossos sócios para 18 em 1931, para 20 em 1939, para 25 em 1950 e para 45 no ano pretérito, quando ganhámos o concurso de dez novos sócios, agora enriquecidos com a aquisição de vossa personalidade, senhor dr. Manuel Eduardo Campos, representada em trabalhos de valor no pouco explorado campo da pesquisa folclórica, de par com a promessa de novos estudos para o futuro, vez que aqui recebereis o incentivo de quantos já compunham a chamada Casa do Barão de Studart.

Poderia parecer a alguém que o acréscimo ùltimamente realizado teria sido grande demais, tendo-se em vista as reformas anteriores. Mas, se atentarmos para o fato de que, em uma cidadezinha de 27.000 habitantes, sem escolas superiores e outros meios de incentivo à cul-

tura, 12 homens se reputaram dignos de compor um Instituto especialmente dedicado à História, à Geografia e à Antropologia, o razoável seria que não apenas 133 — resultado a que chegaríamos se armássemos a clássica regra de três — mas número superior de cadeiras hoje existisse, sabido que, com a instalação de escolas superiores e, ùltimamente, com a criação da Universidade do Ceará, outros horizontes se desvendaram à cultura regional, e que, nestes assuntos, o progresso segue ritmo geométrico e não apenas aritmético. E seremos apenas 45!

Acresce que há um grande programa a ser executado nesta oficina que é o Instituto do Ceará. A par de sua Revista, ininterruptamente editada desde o ano de sua fundação, cujo valor é atestado pelos reclamos que dela fazem as mais eminentes bibliotecas do mundo quando se lhes demora a remessa, há que construir, beneditinamente, a monumental História do Ceará, cujo plano, traçado há cêrca de doze anos, já foi parcialmente realizado em nada menos de 8 valiosos volumes — a Proto-história e o 1º tomo da Pré-história, entregues à erudição de Pompeu Sobrinho; a 1ª., a 2ª. e a 3ª. partes da História da Literatura, com que nos vem brindando a competência de Dolor Barreira; a História Econômica, magistralmente sintetizada pela capacidade de Raimundo Girão; a História Militar, testamento precioso do falecido consócio Eusébio de Sousa; e o 1º volume da História das Sêcas, que o saudoso sociólogo Joaquim Alves nos legou. Em trabalhos de impressão se acha o 2º tomo da História das Sêcas, escrito pelo dr. Pompeu Sobrinho, enquanto outros volumes estão sendo elaborados por alguns de nossos dedicados consócios. À nova distribuição de tarefas, prometida por nosso benemérito Presidente Perpétuo, certamente não estareis ausente, senhor dr. Manuel Eduardo Campos, dado que trazeis precioso lastro cultural, especialmente no que concerne às pesquisas folclóricas.

É, de fato, já notável a vossa bagagem intelectual, a despeito da pouca idade com que vos apresentais ao público ledor e à análise mais percuciente dos especialistas e críticos de nossa terra e do todo o país. O momento não recomenda estudo mais completo; porém não me posso eximir, sem falhar à alta incumbência a mim cometida, de gisar ao menos uma síntese de vossa brilhante carreira nas letras, desde os verdes anos da adolescência à já quase maturidade de agora.

PRENÚNCIOS

Conheci-vos ainda quase menino, senhor dr. Manuel Eduardo Campos, integrando o Teatro Escola Renato Viana, grupo de amadores que atuava na paróquia fortalezense de São Gerardo, naqueles tempos sob a direção do então Pe. Expedito Eduardo de Oliveira, parente vosso e de Artur Eduardo Benevides, que convosco formava, ao lado de Zuíla Barbosa Lima e William Alcântara, a *élite* de tão curioso e desprendido conjunto teatral, cujo "ponto" era o atual Bispo Auxiliar de Fortaleza. Poderia recordar aqui, se o tempo não me fôsse tão escasso, alguns dos episódios nessa época ocorridos, como aquêle em que, representando a excelsa personalidade de Cristo, percebestes a omissão do diretor cênico, que vos fez alçar à Cruz sem a indispensável coroa de espinhos, ocasião em que procurastes corrigir o imperdoável esquecimento, dizendo, entre fingidos estertores de agonia — "Dêem-me a coroa, que desejo sofrer mais"...

Um pouco mais tarde fui encontrar-vos já integrando o que depois se chamaria Grupo Clã, organizado sob a égide do 1º. Congresso Cearense de Poesia, nos idos de 1942. É dessa época a famosa plaqueta intitulada "Três discursos", síntese do que muito se discutiu e pouco se resolveu no etílico ambiente de um sítio de Mondubim em dia feriado.... Falaram aos presentes, além de vós, Mário Sobreira de Andrade, *doublé* de agrônomo e intelectual, hibridismo de que o Ceará é felizmente

tão rico, e Antônio Girão Barroso, poeta de poucas poesias e muita poesia. Foram, destarte, traçadas as diretrizes de plano não fielmente executado, mas assim mesmo em parte cumprido para gáudio de quantos se interessam pelo progresso das letras regionais. Era a época em que procurávamos todos imitar os exageros do indiscutivelmente grande movimento modernista brasileiro, sob o comando do imenso Mário de Andrade, do Sul.

Tudo isto prenunciava, de sobejo, o vosso insopitável pendor para as letras, não desmentido através dos anos, como veremos.

"ÁGUAS MORTAS"

Sem que fôsse possível conter indisfarçável tendência literária, servida por invejável talento criador, eis que nos destes, em 1943, o primeiro de vossos livros de ficção, intitulado "Águas Mortas". Nessa coleção de contos, que não podem, a rigor, ser classificados de regionais, não fica, todavia, relegada a segundo plano a ecologia do Nordeste sêco, já que homens e paisagens refletem o mais legítimo ambiente nordestino, como que revelando, por antecipação, o floclorista ainda imaturo. É obra já publicada sob a égide das "Edições Clã", impulsionadas, depois, pelo Clube de Literatura e Arte, cuja sigla simbolizou tão bem o espírito associativo e fraternal de seus componentes. A crítica do país não regateou aplausos à obra, reconhecendo, em seu autor, a fôrça criadora ainda indomada, gema preciosa merecendo lapidação e polimento. Yaco Fernandes, por exemplo, com a inteligência que lhe reconhecemos, disse, a propósito dessa estréia, que o livro demonstra sobradamente que possuíeis, senhor dr. Manuel Eduardo Campos, já àquela época, "o estofo dum verdadeiro contista, havendo, como poucos nas suas condições, se inteirado dos recursos e das possibilidades do gênero". E arremata assim: — "Quem, na idade do sr. Eduardo Campos, estréia com livro do folego de *Águas Mortas* está na obrigação de vir a ser um dos mais seguros contistas do Brasil".

Advém dessa prematura fôrça criadora o cognome que vos puseram — o de *enfant terrible*, talvez por via do sucesso que o ficcionista francês Jean Cocteau alcançara com livro semelhantemente intitulado, revolucionário para a época. A surpreza que "Águas Mortas" causa pelo imprevisto, referto de variegadas tonalidades, justifica o apelido, se não ao autor, pelo menos à obra. É claro que se trata de um *terrível* que, afinal, agrada, pela realidade transparente em suas páginas, ainda traçadas com uma excessiva liberdade de linguagem, denunciada por João Clímaco Bezerra, mas contendo a promessa evidente de melhores perspectivas. Seus personagens — e esta passaria a ser a marca mesma da prosa de ficção de Eduardo Campos — como que vivem, diàriamente, a se encontrar conosco nas ruas, nas praças, nas esquinas... Aí se acham, para confirmação do que dizemos e o competente registo histórico, os contos intitulados "Os homens do mar e o amor", "A divisão das noites", "Uma vida entre dois diários" e "Rua Formosa, Morro do Moinho, sem número", que se nos afiguram a parte melhor do livro, como o acentuaram alguns críticos, não sendo despresíveis os elogios de Mário de Andrade, do Sul, que aludiu ao êxito que, em condições paralelas, obteriam os contos, se divulgados em outras terras e assinados por escritor afamado, e Carlos Drumond de Andrade, que declarou ser lícito muito esperar de escritor assim, "corajoso e humano".

"FACE ILUMINADA"

Obra mais pensada e trabalhada é o vosso segundo livro de contos, publicado em 1946, superior ao primeiro até no título escolhido — "Face Iluminada". Integra essa coleção de contos aquêle denominado "O abutre", geralmente considerado o melhor de todos, onde não se nota, com a exuberância existente nos demais, uma das duas características de vossa obra de ficção — o caráter acentuadamente regionalista. É

tão forte essa marca regionalista, que Fran Martins, em rodapé mantido anos a fio em jornal da terra, a apontou como defeito a empanar o brilho de vossos trabalhos de criação artística, rejubilando-se por não encontrá-la no referido conto, referto da segunda característica de vossa obra de ficção — uma linguagem forte e impressionante. É que o crítico, sincero embora, não advinhava, então, o folclorista a ser descoberto e a descobrir-se, como francamente o confessou no prefácio que posteriormente escreveu para "Medicina Popular". E, influenciado pela tendência da época, que era a tentativa de dominar temas universais, não compreendia o crítico a alma essencialmente regionalista do autor.

Mas o livro não vale, apenas, pelo conto "O abutre". Se êste, para muitos, é o melhor da série, outros se lhe aproximam em méritos, tais como "Céu limpo", "Ela era seu lar", "A roseira", "No Morro do Moinho morre um menino" e "Naquele talhado de terra", nos quais vos conduzistes, senhor dr. Manuel Eduardo Campos, com rara felicidade, embora ainda agrilhoado a uma imprecisão de linguagem, própria das vossas tentativas de juventude, depois satisfatòriamente superada.

Êsse vosso segundo livro mereceu longa e elogiosa crítica de Sérgio Milliet, que antes já aludira à atmosfera geográfica de "Águas Mortas". Foi, desta feita, salientada pelo crítico paulista uma das facetas mais elogiáveis de vossa obra — nela o "perigo grande da anedota foi evitado", notando-se, pelo contrário, "uma fôrça dramática e um maior sentido de enrêdo".

Sôbre êsses vossos contos, não mais da adolescência inexperiente porem da juventude ainda atrevida, escreveu Braga Montenegro um bem lançado artigo, como tudo o que sai de sua pena de escritor conscienciosо. Aí êle disse que "a virtude principal do contista foi ter nascido escritor", salientando, embora, que, se dessa evidência decorre a fôrça de sua obra, disto igualmente resultam "os motivos de sua deficiência". É que, por vocação inata para o folclore, sempre vos preocupastes mais com a descrição fiel do ambiente ecológico do que com o artesanato da obra, aspecto que escapou aos críticos literários, já que analisavam, òbviamente, mais a felicidade do arranjo do conto que a promessa de pesquisador manifesta no conjunto de vosso trabalho, falha esta cometida até mesmo por Stênio Lopes, geralmente tão agudo em seus estudos de análise. A semelhante tendência esteve infenso, talvez, apenas o saudoso Joaquim Alves, porisso mesmo que era menos beletrista que sociólogo, quando anteviu em vossa obra criadora a promessa de "um escritor analista, um intérprete da sociedade".

Mas é evidente que estava cedo para revelar-se o pesquisador que hoje sois, já que vosso terceiro livro ainda seria de ficção, de permeio a uma fase de criação teatral, antes que descobrísseis vossa verdadeira vocação de folclorista.

"A VIAGEM DEFINITIVA"

Como que resumindo, num simples título, a mensagem de tôda uma obra, eis que nos oferecestes "A Viagem Definitiva", trabalho da deliciosa quadra da mocidade. De fato, passada a impetuosidade de nossos vinte e poucos anos, o que se nos pode afigurar definitivo, se mudamos dia a dia?

Já vos carregavam o coração as primeiras enxúndias, senhor dr. Manuel Eduardo Campos, quando lançastes "A Viagem Definitiva", a ponto de o fino poeta que é Mauro Mota estranhar que alguém, aparentemente nascido "para o banho morno e o chinelo de couro de gato, o pijama folgado, a rede e o cafuné", se mantenha fiel ao seu destino de

escritor. Então, notou o poeta, finalmente, vossa tendência ao estudo do que é nosso, proclamando que o mérito de vossos contos se acha no poder de valorização de "certas coisas domésticas" De fato, para chegar a essa conclusão basta abrir o volume e ler o conto que deu título ao livro, seguindo-se-lhe o "Casamento", "Marru", "A torneira aberta", "Seu mundo era o mar" e "Cordão de ouro", o primeiro dêstes imbuído de um simbolismo que agitou o meio intelectual provinciano.

Moreira Campos, outro contista cearense de nossos dias, com os conhecimentos que possui sôbre o assunto, salientou o fato de que contais histórias, senhor dr. Manuel Eduardo Campos, como se estivésseis de pé e de chapeu na cabeça. Mas nessa aparente deficiência se oculta um mérito, não pelo motivo apontado na crítica, qual o da exiguidade do tempo que nos é deferido para coisas de literatura, mas pelo retrato fiel que, involuntàriamente embora, traçou do escritor que haveria de entender e retratar a literatura oral de nossa terra, caracterizadamente criada como que estando de pé e de chapeu na cabeça seus anônimos autores. Porisso é que, voltando a apreciar a vossa obra, a propósito dêsse terceiro livro de ficção, Fran Martins de início declara que sois, de todos os contistas cearenses, "o mais prêso à terra". Antevisão, sem dúvida, de vossa tendência vocacional, afinal descoberta e explorada com rara felicidade e riqueza.

PEÇAS TEATRAIS

Antes de vos dedicardes às pesquisas folclóricas, com cujas credenciais conquistastes uma das quinze novas cadeiras de sócios do Instituto do Ceará, vale ressaltar que se operou breve digressão de vosso espírito criador, com a vossa incorporação ao rol de autores teatrais, escrevendo peças integrantes do chamado teatro de vanguarda? Da primeira, intitulada "O Demônio e a Rosa", se enamorou Renato Viana, arrancando-vos a autorização para encená-la. Está ela, efetivamente, imbuída de uma suave poesia, pois que exalta o amor espiritualizado, precisamente aquilo que todos aspiramos — a vitória da Rosa, símbolo e reunião daquelas despresadas coisas, a que se antepõem o progresso, a civilização *et caterva*... Nesta peça, como o proclamou Aluísio Medeiros, são repassados "todos os dolorosos problemas que são de todos e do nosso tempo". É obra mais amadurecida, corrigidas as imperfeições de linguagem próprias da adolescência e da juventude. Tanto que Guilherme de Figueiredo não se temeu de reclamar: — "Talvez lhe falte um pouco mais de... descuido de linguagem, para que o artifício da montagem se compense com a realidade falada".

A segunda peça teatral — "O Anjo" — é, igualmente, um arrasoado de argumentos e protestos em favor da volta a uma vida mais simples e poética, hoje sèriamente comprometida pelos interêsses que nos assoberbam e envilecem.

Afinal, escrevestes "Os Deserdados", drama intenso e cruo, inspirado no sofrimento de uma família nordestina sob o guante da sêca avassaladora. É, também, peça de vanguarda, mas nela o *universal* perde terreno para o *regional*, evidenciando que ainda aqui descrevestes a parábola que vos trouxe, das primeiras atividades teatrais, ao assunto que constitui, sem dúvida, a vossa verdadeira vocação.

"MEDICINA POPULAR"

Estavam os críticos "todos descançados", na pinturesca e original linguagem de Fran Martins, sem se aperceberem da vossa tendência incontrolável para o estudo das coisas de nossa terra, quando publicastes, senhor dr. Manuel Eduardo Campos, em 1951, precioso estudo sôbre "Medicina Popular". É ainda Fran Martins quem diz que "incontestá-

vel é o mérito dêste trabalho, pois muita luz vem deitar sôbre antigos costumes e velhos hábitos amplamente difundidos em nossas populações rural e urbana".

Não pensaram diferentemente outros críticos de nossa terra, como, por exemplo, o sempre percuciente Joaquim Alves, para quem "*Medicina Popular* representa inteligência, cultura e trabalho", bem assim Gastão Justa, J. de Figueiredo Filho, Antônio Girão Barroso e Artur Eduardo Benevides, conhecedores indiscutíveis de nossos costumes sociais.

Lá fora, sôbre essa vossa obra, escreveram, dentre outros, Manuel Diégues Júnior, para quem "Medicina Popular" é contribuição das mais expressivas ao estudo dêsse setor do folclore pátrio; e R. Magalhães Júnior, que reputou êsse livro digno de figurar na estante de todos os que se interessam por pesquisas de tal espécie, insinuando, ainda, que talvez constituisse êle a mais valiosa colaboração enviada ao Congresso Brasileiro de Folclore, na época realizado.

Foi tão insofismável o êxito alcançado pela obra que a Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil se empenhou em tirar-lhe uma segunda edição, o que ocorreu em 1953. Ensejou-se, destarte, a mais vasto círculo cultural, a oportunidade de apreciar vossos méritos de pesquisador. E o resultado foi uma consagração geral. Até os jornais não literários, alguns dos quais tão distantes dêsses problemas, preferindo minudenciar crimes, descrever acontecimentos escandalosos ou adocicar sua voz face à pecúnia dos poderosos, até êsses registraram a aceitação generalizada de "Medicina Popular".

Procurado pelo repórter, declarastes, então, que gostais de escrever "coisas cheirando a barro". Que só vos sentis satisfeito quando entrais em contacto com os nossos problemas, apesar da crítica vos ter aconselhado a seguir o caminho da chamada "literatura de tendência universal". Mas "um sujeito que nasce na Pacatuba — perdoe-me o poeta Artur Eduardo Benevides — tem que ser mesmo *regional*". E, ainda, dissestes que a poesia é vosso refúgio, não podendo compreender que se ame a vida, sem poesia. No entanto, não gostais da poesia feita em versos. Preferis senti-la "na Natureza, nos suaves gestos humanos..."

Que melhor síntese de vossos tendências de pesquisador poderíamos fazer, senão repetir êsses conceitos? Lendo essa vossa entrevista, sentimos que vos enfileirais, afinal, entre os pesquisadores da etnografia cearense, como Zacarias Tomás da Costa Gondim, Gustavo Barroso, Paulino Nogueira, Leonardo Mota, Antônio Sales, João Nogueira, Antônio Drumond, João Brígido, Juvenal Galeno, José Carvalho, Barão de Studart, Pompeu Sobrinho, Raimundo Girão, Martinz de Aguiar, Florival Seraine, Ildefonso Albano, Rodrigues de Carvalho, Antônio Bezerra, Júlio Monteiro, Joaquim Alves, Jósa Magalhães, Livino de Carvalho, Joaquim Gondim, Raimundo Menezes, Fran Martins, Francisco Alves de Andrade, Gastão Justa, Néri Camelo...

CONCLUINDO

A esta altura, senhor dr. Manuel Eduardo Campos, é imperioso rematar minhas palavras. Não o farei, porém, sem vos dizer da grande esperança que o Instituto do Ceará em vós deposita. Creio não abusar do mandato a mim cometido se afirmar, ainda, que esta solenidade visa menos ao folclorista por ter sido eleito sócio do Instituto, do que ao membro do Instituto por ser legítimo pesquisador... Mesmo porque, no *tonus* dominante nestes festejos, em que se comemora, igualmente, o 40º aniversário do primeiro livro do etnólogo Pompeu Sobrinho, tão

sòmente o pesquisador conseguiria congregar em volta à sua personalidade — sem retórica acadêmica nem desnecessários brasões, vaidades que por cá não se cultivam — sòmente o pesquisador congregaria em tôrno de si os confrades do Instituto do Ceará, animados do mesmo espírito nos seus historiadores, geógrafos e antropólogos para esta assembléia de cordialidade.

Que durmam, pois, tranquilos, os lidadores do passado. Ao estandarte existe quem o carregue hoje, sobranceiro e altivo.